



Hilda, a catadora de papel: acompanhamento de sua ação nas ruas de Bauru¹

Henrique PERAZZI DE AQUINO²

Maria Cristina GOBBI³

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação – UNESP/FAAC – Campus de Bauru

RESUMO

O artigo trata do processo e dos resultados de acompanhamento jornalístico realizado no centro urbano de Bauru, cidade do interior paulista, junto aos ditos invisíveis, *os que estão não estando*. Dentre tantos na mesma situação, o foco é na catadora de papel Hilda de Souza. A proposta é a de um relato de sua história pessoal e da diminuta repercussão pela mídia tradicional de sua trajetória de sobrevivência ao longo dos anos. O acompanhamento junto aos trabalhadores ditos invisíveis é um recorte de pesquisa de Mestrado. São diversos ângulos na abordagem de pessoas pertencentes a um extrato social pouco valorizado e documentado. A metodologia a pesquisa etnográfica e as histórias de vida. O resgate de memórias orais, que vem sendo realizado desde 2011, permite avaliações e conclusões preliminares, por exemplo, quanto à forma da vida dos trabalhadores informais de rua. A intenção é a contribuição também para possível criação de cooperativas e órgãos sociais com eficácia na defesa desses trabalhadores.

PALAVRAS-CHAVE: Invisibilidade Social; Imprensa Alternativa; Trabalho Informal; Redes Sociais; Comunicação.

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho da V Conferência Sul-Americana e X Conferência Brasileira de Mídia Cidadã, realizada em abril de 2015, na Unesp – Campus de Bauru.

² PERAZZI DE AQUINO, Henrique. Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Estadual Paulista – UNESP. mafuadohpa@gmail.com

³ GOBBI, Maria Cristina. Livre docente, Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e em Mídias Digitais e Tecnologia da Unesp, Orientadora do Projeto de Mestrado. mcgobbi@terra.com.br

1. Introdução

Desigualdade social é algo inerente ao Brasil desde seus primórdios. Não existe um só período em toda sua história de pouco mais de quinhentos anos onde ela não esteve latente. Redundância discutir sobre as origens, soluções e outros quesitos. Ela está encruada no que representa o papel de sua elite, demonstrado muito bem em várias obras ao longo do tempo. O conceito emitido pelo mais famoso livro do antropólogo Gylberto Freire, “Casa Grande & Senzala” é um deles. A casa grande continua aí, intacta, resistindo ao tempo e a todas as modernidades, assim como, a senzala, com pouca alteração nesse período. A crueldade não mudou de nome, muito menos de endereço. A insensibilidade dos tempos atuais está refletida na denominação “invisível” para os nela inseridos.

No passado muitos a retrataram e assim continua sendo feito ao longo do tempo. Dentro do jornalismo existem muitos exemplos de belas narrativas descrevendo a realidade nua e crua das ruas. Não dá para fixar-se em todos, mesmo que cada referência constitua algo significativo para o contexto, para o todo. Um dos momentos mais significativos é o denominado ‘jornalismo de beiradas’.

Luiz Fernando Assunção afirma:

Os pobres e miseráveis, as beiradas ou as franjas da sociedade, não são pautas frequentes no jornalismo. Mas alguns jornalistas quebraram essa regra e decidiram que a parte marginalizada da sociedade deveria sim aparecer em jornais e revistas como uma parte necessária e digna de ser mostrada a todos. (ASSUNÇÃO, 2014, p. 122)

Esse não fazer parte é muito mais do que uma mera escolha, uma opção de quem vive a margem da sociedade. É o que resta a uma imensa parcela da população, o viver nas beiradas e o que dela provem. Assim como faz também parte ter optado por enxergar os tais invisíveis, os habitantes das tais beiradas, transformando-os em personagens de carne e osso, com belas histórias de vida como a de qualquer outro. O simples andar pelas ruas é o esbarrar diariamente com um extrato social em várias atividades de sobrevivência, tão necessárias para o desenrolar do dia-a-dia de nossas cidades, mas de pífia importância para muitos. O não passar despercebido é quando ocorre a visibilidade para o até então não notado. Algo que, mesmo diante dos olhos de muitos, por estarem com tudo voltados para outros sentimentos é como se nem ali estivessem.

Diante dessa questão, Milton Santos afirma:

Tanto os pobres como aqueles que são o objeto da dívida social, os quais já foram incluídos e, depois, marginalizados, acabam por ser o que hoje são, isto é, os excluídos. (...) Agora estamos diante da pobreza nacional e da dívida social nacional da ordem internacional. Elas aparecem como se fossem algo fixo, imutável, indeclinável, quando, como qualquer outra ordem, pode ser substituída por uma ordem mais humana. (SANTOS, 1999, p. 29)



Essa ordem mais humana é justamente a percepção do que de fato ocorre nas ruas, nas suas beiradas, entranhas e vísceras. Os centros urbanos estão recheados de trabalhadores informais de todos os matizes. Muitos deles, tamanha a quantidade, possuidores de certa graduação de importância. Uns mais e outros menos visíveis.

A cidade em si hoje é produtora de muito lixo e o mesmo é depositado em lugares específicos, não só os delimitados para coleta pelo modo usual, convencional. Muitas lojas ao descartarem o lixo nos períodos propícios o fazem para atender uma clientela sequiosa pelo mesmo. Existem muitos códigos entre as pessoas, sinais pré-concebidos e colocados em prática, numa espécie de ajuda mútua. Esse trabalho destaca um desses olhares e sobre um personagem específico.

A cena urbana brasileira e capitalista possui certa similaridade de comportamento e ação, indistinta ao local de sua ocorrência. A mesma cena que ocorre aqui pode estar ocorrendo a muitos quilômetros de distância, ou até mesmo na próxima esquina e quase como uma repetição. A crueldade da cena vista aqui é a mesma de tantos outros lugares. E sua repetição não se dá só com os personagens mergulados na pobreza e na injustiça social, mas também na mesma forma de reação. A invisibilidade daqui é a mesma dali. Mudam-se os personagens, porém a dramaticidade da cena é a mesma. E a reação de uma espécie de cadeia de ações, tudo muito parecido. Nada combinado, mas com muita similaridade.

As mídias formais ou cansaram de repetir sempre o mesmo enunciado ou enfurnadas, ou mesmo ligadas em outros assuntos, para eles mais relevantes. O personagem da rua e o seu dia a dia não interessa, pois sua história é trágica, cheia de dor e angústia. A rotina dos que nada possuem e lutam desbragadamente para conseguir a subsistência é a própria história da degradação humana. Os textos jornalísticos inseridos na grande mídia procuram fugir disso. O enfoque de histórias de sucesso é o mais convencional. Como bater na tecla com histórias onde seus personagens nunca saem do limbo, quando o mundo exige algo retratando histórias de vencedores? A escolha é algo quase natural diante desse contexto exigindo algo belo, de sucesso e encorajador para novas iniciativas. Porém, existem as exceções. Uma delas está aqui retratada.

Após estas considerações iniciais, seguem os motivos pela escolha da personagem abordada, algo sobre ela e os vários enfoques ao longo da pesquisa.

2. O tema em si: o interesse pela personagem

O lixo produzido pelo centro comercial de Bauru, localizado no entorno de sua principal rua de comércio, a Batista de Carvalho, também denominada como Calçada da Batista é todo colocado na porta das lojas pelos comerciantes e seus funcionários em horários mais ou menos pré-estabelecidos. Tudo é colocado na parte externa das lojas e a partir daí gera uma frenética disputa pela sua posse.

Esse lixo das lojas comerciais é constituído basicamente de papel em seus vários formatos. O mais disputado deles é o papelão da embalagem dos produtos comercializados nessas lojas. O peso deles é o grande chamariz para uma gana de ‘catadores de papéis’, todos ávidos pela sua coleta e revenda em lugares convencionais. Advém daí a renda familiar de muitas dessas pessoas. Esses se antecipam aos coletores de lixo e a seus horários.

Formam uma imensa legião de cidadãos, tanto que, muitas lojas já possuem uma espécie de clientela fixa, ou seja, muitos funcionários dessas lojas ao fazerem o descarte já o fazem especificamente para esse ou aquele catador. Isso se deve ao fato de algum contato previamente estabelecido e dessa forma, confirmando a existência de certa divisão em todos os espaços urbanos e também desse natural.

Nesse imenso universo de catadores existem sempre os mais notados por uns e por outros, os que causam maior sensibilidade naqueles que descartam o lixo nas ruas. Como não notar uma senhora de certa idade, curtida pelo tempo, mirrada e sempre rodeada de parentes, na dura lida diária de juntar, organizar, carregar, vender e recomeçar tudo novamente no dia seguinte? Tudo tem início com a observação de como se processa a rotina na vida dessa senhora, Hilda de Souza.

Mas como promover a abordagem do visualizado e fazer suas transcrições para o papel? Eis algo merecedor de um enfoque pessoal, um toque arrebatador, onde não só possa ser evidenciada essa realidade, mas inserindo-a no contexto da sociedade.

Giovanni Levi, no texto Usos da Biografia confirma que:

Obviamente as exigências de historiadores e romancistas não são as mesmas, embora estejam aos poucos se tornando mais parecidas. Nosso fascínio de arquivistas pelas descrições impossíveis de corroborar por falta de documentos alimenta não só a renovação da história narrativa, como também o interesse por novos tipos de fontes, nas quais se poderia descobrir indícios esparsos dos atos e das palavras do cotidiano. Além disso, reacendeu o debate sobre as técnicas argumentativas e sobre o modo pelo qual a pesquisa se transforma em ato de comunicação por intermédio de um texto escrito. Pode-se escrever a vida de um indivíduo? Essa questão, que levanta pontos importantes para a historiografia, geralmente se esvazia em meio a certas simplificações que tomam como pretexto a falta de fontes. (...) Seguindo uma tradição biográfica estabelecida e a própria retórica de nossa disciplina, contentamo-nos com modelos que associam uma cronologia ordenada, uma personalidade coerente e estável, ações sem inércia e decisões sem incertezas. (LEVI, 2010, p.169).



A opção pela fuga ao convencional, ao trivial, ao regularmente estabelecido como normal deve ser algo inerente ao narrador. O enfoque poderia ser uma simples narrativa de como se dá o descarte e o recolhimento do lixo, no caso o papel. Que interesse isso poderia ter além da trivial e desgastante e rotina diária? A busca por entender a dor humana, os sofrimentos dos que se vêem obrigado a trabalhar acima dos seus limites, buscando uma força interior só possível por causa da extrema necessidade é o motor desse trabalho e dessa pesquisa. Escrever sobre isso é também narrar os motivos da desigualdade social dentro do mundo capitalista atual.

Um dos expoentes em fazer isso com muita precisão foi o escritor João Antônio. Em todas suas obras isso está corroborado, mas em especial numa delas, a mais famosa, ‘Malagueta, Perus e Bacanaço’. Veja como ele se vê diante do quadro escolhido para atuar:

Escrever é um ato de coragem e humildade. Não estou, pois, para truques. (...) A vida foi me dando porradas, me dando, até que aprendi a escrever em qualquer canto. Sem precisar de quarto ou de casa. Qualquer boteco é lugar para escrever quando se carrega a gana de transmitir. Gana é um fato sério que dá convicção. (...) Escrever é outra dimensão e é única comunicação de verdade com o mundo porque falando com as pessoas, eu não me consigo transmitir. E quando tento... (...) Mas tenho esperanças. Tenho levado castigos mas tenho esperanças. Um malandro, meu amigo, dizia: - A gente caí, a gente levanta, na queda já se aprendeu. Pode ser que ali na esquina a gente dê uma sorte. (ANTONIO, 1963, p. 9).

Narrar o que ocorre nas ruas é também se envolver com o que ali ocorre. É tomar partido e isso vai além do relato. Não existe como se interessar pela vida dos despossuídos e não ocorrer um envolvimento com a mesma. Do contrário, o relato sairá sempre frio, amorfo, distante, indiferente e também irreal.

Verificou-se que, na situação em foco o trabalho de coleta é feito basicamente por cidadãos, acostumados até ao uso de certa violência para delimitar seus espaços sociais. Espaços esses que, não são invadidos pelo outro, sem que ocorra admoestações, ameaças e até o uso de violência. Uma mulher atuando nesse quadrilátero já é algo pouco comum, pois diante de tantos outros, a pergunta é mais do que inevitável. ‘Mas como se defende? Como se impõe?’. Negra, muito magra e com a idade já avançada chama muito a atenção daqueles que a notam dentro desse contexto de luta.

Por volta de 2008 surgiu o interesse não só por fotografá-la, mas por conseguir um contato, uma aproximação e uma sequência de pesquisa.

3. A história de Hilda

Hilda de Souza é figura mais do que popular onde mora, o bairro periférico Fortunato Rocha Lima, localizado nas imediações da rodovia que liga Bauru à Marília. Ali um verdadeiro reduto popular, com construções irregulares, todas erguidas com grande dificuldade. A popularidade do lugar se dá por sua fama de ser um dos locais, segundo os registros na mídia local, de muita violência. As ocorrências policiais relatam isso.

O bairro conquistou a estigma atual com a repetição constante de matérias desse teor:

No começo da noite de ontem, a Polícia Militar (PM), por meio da Força Tática, prendeu um homem de 32 anos que comercializava drogas no bairro Fortunato Rocha Lima, em Bauru. O acusado tinha droga para “todos os gostos”, uma vez que carregava cocaína, crack e maconha. Robson Afonso Acunha foi preso por volta das 19h na quadra 2 da rua Evaldo Hinke Neto. Em patrulhamento de rotina pelo local, que já é conhecido como ponto de tráfico, a PM se deparou com o acusado. Em meio à noite quente, Robson estava com uma blusa de manga comprida, o que levantou as suspeitas da PM. Assim que ele avistou a viatura, deixou o local. O acusado deixou cair parte do dinheiro que levava e não voltou para buscar. Os policiais realizaram a abordagem e encontraram 11 porções de cocaína, duas de maconha e 35 pedras de crack na roupa de Robson. Ele ainda estava com aproximadamente R\$ 130,00, dinheiro que, provavelmente, é produto da comercialização dos entorpecentes. Robson Afonso Acunha foi conduzido ao Plantão da Polícia Civil. Até o fechamento da edição, o caso estava sendo apresentado. (JC, 2013, p. 5).

É nesse bairro, distante aproximadamente dez quilômetros do centro da cidade que reside a personagem aqui retratada, a catadora de papel Hilda de Souza. No meio de uma rua como todas as demais à sua volta, essa retinta senhora, negra, em 2008, com 61 anos, mas aparentando 70, começa a ser verificada com mais frequência nas ruas centrais da cidade. A atividade escolhida para sua sobrevivência a faz retornar diariamente ao mesmo local, ou seja, nas imediações das lojas centrais do comércio. Ali, de posse de um surrado carrinho, conquistado também às duras penas e durante todos os dias da semana ela recolhe papéis pelas ruas da cidade e os revende em estabelecimentos que adquirem o resultado desse trabalho das ruas.

Hilda chama a atenção, muito magra, mas com grande resistência física, é vista diariamente no mesmo e cansativo ofício e sempre rodeada de mais três pessoas. O filho, deficiente, que está sempre ao seu lado, mais por companhia do que propriamente para ajudar, pois pouco faz, devido sua condição física. Também a filha e o genro. Estão sob sua decisão, o local onde irá coletar o papel, o trajeto pelas ruas e a comercialização. Tudo é decidido por

dona Hilda, inclusive a utilização do mingado dinheiro arrecadado, usado totalmente para as despesas da casa onde mora.

A sua rotina é a de tantos outros. A diferença está exatamente nela e no que representa. Sempre bem disposta, faça sol, chuva, calor ou frio é mais do que evidente todos a notarem. As fotos tiradas naquele ano mostram algo mais, pois permitidas dentro do interior de sua casa, demonstram a seriedade e a simplicidade com que toca a vida. Tudo sem grandes expectativas, mas ciente do papel cumprido e a forma como deve continuar sua vida.

Imagem 1: Dona Hilda em sua residência. Fonte: Acervo Pessoal.



Nesse período confessa estar trabalhando sempre no mesmo segmento por 30 anos ininterruptos anos. Possui um vozeirão de impressionar, forte e contundente, daqueles que fere quem está ao seu lado, pela imponência. Possui uma risada e uns dentes de fazer inveja e uma conversa envolvente, como todas as pessoas que não têm nada a esconder. É de uma sinceridade impressionante, não gosta de fotos, mas as permite quando consultada se pode ser fotografada. As tiradas quando está com o seu objeto de trabalho e em plena atividade com o carrinho de catar papel é a que mais rejeita. No seu rosto as marcas do último embate, dessa vez com uma panela de pressão que explodiu perto de sua face. Não permite concessões ao seu modo de viver. Quem a conhece sabe o que significa suas palavras, “sou desse jeito e pronto”. Uma mulher de fibra, numa atividade aviltante, como a grande maioria dos desvalidos desse país.

Em 18/12/2010 no do artigo “Histórias Dezembrinas”, publicado no jornal diário bauruense Bom Dia uma pequena descrição dos muitos dos invisíveis bauruenses e dentre eles um parágrafo dedicado a dona Hilda:

Hilda de Souza é catadora de papel para reciclagem. Passa dos 60, mas aparenta bem mais, negra retinta, cabelo carapinha, sustenta sua casa e um filho com problemas. Labuta o dia inteiro na lida, não possui um só quilinho a mais, pois seu exercício diário não permite excesso gastronômico nenhum. Coleta papéis, jornais, garrafas pets e acompanhada

de uma filha e do genro, fiquei com meu carro calmamente seguindo aquele desfile natalino a congestionar o trânsito do centro da cidade. Lá atrás intermitentes buzinas sem calma nenhuma já se aborreciam com a cena. Apressados para a festa. (BOM DIA, 18/12/2010).

Imagem 2: Dona Hilda em sua residência. Fonte: Acervo Pessoal.



Na sequência, em 12/04/2011, algo mais de sua pessoa, dessa vez mais uma tragédia pessoal envolvendo sua família, quando um incêndio consome tudo o que possui. “Moradora pede socorro após incêndio em sua casa”, era a pequena manchete. :

Imagem 3: Dona Hilda em matéria no Jornal Bom Dia. Fonte: Acervo Pessoal.



Na matéria, o destaque final para o seu endereço: “Para ajudar, voluntários podem ir até a casa dela e, ali deixarem doações com os vizinhos: rua Maria Salgueira 1-11, núcleo Fortunato Rocha Lima”. Muitos fizeram doações e parte dos móveis ela recuperou dessa forma.

A labuta de dona Hilda nunca foi interrompida, nem mesmo nos dias após o incêndio. Se o fizesse, ficaria sem comer. O incidente permitiu que ela fosse a mais notada e muitos populares entregavam-lhe mantimentos e até mesmo móveis diretamente quando a encontravam pelas ruas centrais da cidade. Em 06/02/2012, numa iniciativa levantada por um vereador da cidade, Roque Ferreira – PT (Partido dos Trabalhadores) e logo registrado por alguns blogs nas redes sociais, a possibilidade de algo ser feito para ela em forma de uma “Moção de Aplauso”, na Câmara de Vereadores. Eis o título de um desses blogs: "MOÇÕES DE APLAUSO" PARA TIPOS POPULARES AO INVÉS DE SÓ PARA PASTORES:

Imagem 4: A ilustração do Guardiã, o Super-Herói de Bauru. Fonte: Acervo Pessoal.



Hoje é um dia emblemático dentro do ano, que pelo visto começa a partir dessa data para os nossos nobres vereadores (Ufa!, pois ocorre antes do Carnaval). Ano passado, uma das ocorrências repetidas quase que semanalmente na Casa de Leis bauruense foi a entrega de MOÇÕES DE APLAUSO para pastores evangélicos, todos com ligação umbilical com o que pensa e age o atual presidente, Roberval Pinto Sakai. Fez da Câmara uma extensão de sua atividade pastoral. Isso causou transtornos, mal entendidos, fuxicos e muito descontentamento. Afinal, por que só pastores seriam os merecedores dessa honraria...Guardião, o super-herói bauruense, um que não dorme no ponto, pensando e agindo rapidamente, propõe algo novo para o início do ano legislativo. Algo bem simples e que irá trazer uma repercussão imediata junto à Bauru. Ao invés da repetição dessas Moções somente para pastores, afinal, acredita-se que todos já foram agraciados, a Câmara de forma edificante poderia homenagear as pessoas mais simples, as "carregadores de piano", que são muitas e na maioria das

vezes esquecidas e até menosprezadas. Imaginem a cada semana (ou até com um espaçamento maior), uma homenagem renovada, uma MOÇÃO DE APLAUSO PARA OS QUE REALMENTE DIGNIFICAM BAURU. Na idéia inicial, duas pessoas das mais dignas, dessas que trabalham muito, são vistas pela cidade inteira e dão seu quinhão de contribuição para Bauru ser o que é. Falamos de DONA HILDA DE SOUZA, a famosa catadora de papéis do centro da cidade. Essa senhora, com seu carrinho de mão ajuda de forma substancial a limpar o centro de nossa cidade, teve sua residência incendiada recentemente, sustenta toda sua família com o que arrebanha na porta dos estabelecimentos comerciais, está sempre a sorrir e com os seus mais de 60 ano, se mostra alguém a merecer uma honraria e o reconhecimento dessa cidade. O segundo nome é INÊS FANECO, uma pessoa cujo nome está entrelaçado com a história da vila Falcão e ficou famosa por circular nos mais variados eventos com o seu tradicional carrinho de pipoca, numa disposição de fazer inveja a muito sabichão da cidade. Inês, assim como Hilda, personificam o trabalhador que carrega seu instrumento de trabalho com a força do próprio punho. Com essas poderia ser dado o pontapé inicial para um projeto grandioso, o de valorizar essas pessoas a circular por nossas ruas. Depois delas, muitas outras e as sugestões ficam em aberto, pois nomes é o que não faltam. OBS.: Guardiã é uma criação do artista Gonzalez (<http://www.desenhogonzalez.blogspot.com/>), com pitacos desse mafueto escrevinhador”. (MAFUÁ, 2015)

Em 01/05/2013, Dia do Trabalhador, mais uma citação de Hilda nas redes sociais, a lembrança dela ser uma digna representante da classe trabalhadora, sem registro em carteira, sem emprego fixo e fazendo uso da saúde pública.. Dessa vez junto a outros da mesma estirpe.

Na chamada inicial algo sobre todos eles:

“TRABALHADORES – OS QUE RALAM DE VERDADE - Todo dia é dia de trabalho e trabalhador, mas a data de hoje foi a escolhida para comemorar o Dia do Trabalho. Feriado quase mundial, comemorado em Bauru com um show no parque Vitória Régia, show bancado pela Central Sindical CUT, com a comunista Leci Brandão (ótima escolha). No dia de hoje, lembro aqui de alguns trabalhadores que ralam de sol a sol, sem pedir licença, labutando e muito pelo seu sustento e na maioria dos casos, sem carteira de trabalho assinada, sem garantia de direitos reconhecidos e tirando o leite de cada dia com um incessante suor”. (MAFUÁ, 2015).

Depois, a chamada específica enaltecendo o seu feito, o de ser trabalhadora:

“HILDA é papeleira. Sua área de atuação é o centro da cidade de Bauru. Faz o serviço de recolher papelões, que revende para empresas, quase todas possuidoras de balanças que a enganam no quilo do produto. Chega com um carrinho puxado à mão e sai de lá com uns caraminguás, a lhe garantirem o sustento. Ela é o esteio de sua família, cuidando de filha, genro e um filho excepcional. Vê-la nas ruas e não sentir um nó por dentro é impossível, pois na cena a certeza de que muita coisa ainda precisa ser feita”.(MAFUÁ,2015).

Em 30/01/2014, no jornal alternativo Metrôpole News, edição nº 7, na seção “Biografias Não Autorizadas do Lado B de Bauru (02)”, eis Hilda novamente sendo retratada:

Imagem 5: Foto do Jornal Metrôpole News. Fonte: Acervo Pessoal.



HILDA SE SOUZA, A CATADORA A MERECEER UMA JUSTA HOMENAGEM - Janeiro é mês emblemático dentro do ano, que pelo visto começa a partir de março, depois do Carnaval. Ano passado, uma das ocorrências repetidas quase que semanalmente na Casa de Leis bauruense foi a entrega de MOÇÕES DE APLAUSO para pastores evangélicos, todos com ligação umbilical com o que pensa e age o atual e o anterior presidentes. Fizeram da Câmara uma extensão de suas atividades como pastores. Isso causou transtornos, malentendidos, fuxicos e muito descontentamento. Afinal, por que só pastores seriam os merecedores dessa honraria... Ao invés da repetição dessas Moções somente para pastores, afinal, acredita-se que todos já foram agraciados, a Câmara de forma edificante poderia homenagear as pessoas mais simples, as "carregadores de piano", que são muitas e na maioria das vezes esquecidas e até menosprezadas. Imaginem a cada semana (ou até com um espaçamento maior), uma homenagem renovada, uma MOÇÃO DE APLAUSO PARA OS QUE REALMENTE DIGNIFICAM BAURU. Na ideia inicial (encampada pelo vereador Roque Ferreira), pessoas das mais dignas, dessas que trabalham muito, são vistas pela cidade inteira e dão seu quinhão de contribuição para Bauru ser o que é. Penso inicialmente em DONA HILDA DE SOUZA, a famosa catadora de papéis do centro da cidade. Essa senhora, com seu carrinho de mão ajuda de forma substancial a limpar o centro de nossa cidade, teve sua residência incendiada recentemente, sustenta toda sua família com o que arrebanha na porta dos estabelecimentos comerciais, está sempre a sorrir e com os seus mais de 60 anos, se mostra alguém a merecer uma honraria e o reconhecimento dessa cidade. Hilda personifica o trabalhador que carrega seu instrumento de trabalho com a força do próprio punho. Com ela poderia ser dado o pontapé inicial para um projeto grandioso, o de valorizar essas pessoas a circular por nossas ruas. Depois, muitas outras e as sugestões ficam em aberto, pois nomes é o que não nos faltam. A seguir um pouco mais dessa valorosa batalhadora. O nome dessa batalhadora deveria ser Desbravadora,

Guerreira e Persistência, pois sua vida toda foi uma intensa luta pela sobrevivência. Criou todos os seus filhos com a força do seu braço, coletando objetos pelas ruas da cidade, sem dó e piedade, levantando seu lar e dando de comer aos seus. Aos 67 anos, figura muito conhecida de nossas ruas, forte como tem que continuar sendo, busca forças diárias para empurrar o seu carrinho pelas ruas e ganhar o seu sustento. Há 35 anos está catando reciclados e vivendo disso. Possui um vozeirão de impressionar, forte e contundente, daqueles que fere quem está ao seu lado, pela imponência. É uma mulher decidida, líder comunitária onde mora, no Fortunato Rocha Lima, de onde não sai de casa para quase nada, a não ser o trabalho e ir à igreja. Possui uma risada e uns dentes de fazer inveja e uma conversa envolvente, como todas as pessoas que não têm nada a esconder. É de uma sinceridade impressionante, não gosta de fotos, muito menos as tiradas quando está com o seu objeto de trabalho, o carrinho. No seu rosto as marcas do último embate, dessa vez com uma panela de pressão que explodiu perto de sua face. Não permite concessões ao seu modo de viver. Quem a conhece sabe o que quero dizer, ela é desse jeito e pronto. Uma mulher de fibra, numa atividade aviltante, como a grande maioria dos desvalidos desse país”. (METRÓPOLE NEWS, 30/01/2014)

Imagem 6: Foto Matéria sobre Dona Hilda no Metrôpole News. Fonte: Acervo Pessoal.



Nada disso alterou a rotina de Hilda, que continua a mesma. Visibilidade social quase zero. Talvez pelo relato algumas pessoas a olham com outros olhos e até a beneficiam com doações variadas.

4 – Considerações Finais

Muita coisa está em curso, mas nada definido. A Moção de Aplauso ainda não ocorreu, mas está em via de, embora para ela o grande valor são os pequenos retornos para sua sobrevivência. Em funcionamento na cidade algumas Cooperativas de Recicláveis, ainda em mãos de supostos líderes comunitários, mas nenhum deles nas mãos realmente de quem atue no setor. Nesse sentido, a continuidade da cobrança e acompanhamento, principalmente pelas redes sociais e portais pela internet, de algo onde esses trabalhadores possam ser contemplados, com pelo menos, a justa paga pelos quilos recolhidos no seu diário



recolhimento. Na vida da catadora Hilda de Souza, a mesma rotina de antes. O acordar cedo, o descer até a cidade, o recolher os papéis e o transporte até um desses locais de compra de, principalmente, o papelão e não necessariamente nas cooperativas existentes. A situação de sua casa é praticamente a mesma e a dos que a acompanham também.

A Prefeitura Municipal está incentivando a criação de novas cooperativas e com a promessa dos catadores fazendo parte de sua constituição e administração. E a cobrança continuando sendo feita, mais pelos meios disponíveis pelas redes sociais, do que pela mídia tradicional. Dona Hilda e todos os demais do setor possuem histórias de vida muito parecidas, todas recheadas de luta pela inclusão social, dignidade e sobrevivência, uma característica do brasileiro sem qualificação, resistente e confiante. Com o que ganha, come, se veste e quase mais nada. Anda muito a pé e vive muito de favores. Mas resiste bravamente. Possuidora de uma dignidade diferenciada, Hilda continua o grande exemplo para todos. Será, sem sombras de dúvidas, uma das grandes personagens se algo de concreto realmente vier a acontecer de positivo com os iguais a ela. Ela acredita nisso e alguns a ajudam. Esperança existe, mas vê-la nas ruas nesses seguidos anos, sempre da mesma forma e jeito, não é algo muito alentador.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTÔNIO, João. *Malagueta, Perus e Bacanaço*. São Paulo: Círculo do Livro, 1984.

ASSUNÇÃO, Matthias Röhrig ; VIEIRA, L. R. . *Mitos, controvérsias e fatos. Construindo a história da capoeira*. Rio de Janeiro: Estudos Afro-Asiáticos, 1998.

LEVI, Giovanni. Usos da Biografia. in FERREIRA, Marieta de Moraes et alli (org.) *Usos & Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2006.

OSHIRO, Vitor. JORNAL DA CIDADE. Edição de: 05/05/2013. Bauru, 2013.

PERAZZI DE AQUINO, Henrique. BOM DIA. Edição de: 18/12/2010. Bauru, 2010.

_____. *Moções de Aplauso para Tipos Populares*. Disponível em: www.mafuadohpa.blogspot.com. Acesso em: março 2015.

_____. *Trabalhadores – Os que ralam de verdade*. Disponível em: www.mafuadohpa.blogspot.com. Acesso em: março 2015.

_____. *A Catadora a Merecer uma Justa Homenagem*. METRÓPOLE NEWS. Edição de: 30/01/2014. Bauru, 2014.

SANTOS, Milton. (1999) *Momento Nacional: as formas de pobreza e da dívida social*. Brasília, DF, Ed: Loyola. Recuperado em 4 abril, 2013, de http://www.miltonsantos.com.br/site/wp-content/uploads/2011/12/As-formas-da-pobreza-e-da-d%C3%ADvida-social_MiltonSantos1998SITE.pdf